

A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético¹

Maristela Oliveira de Andrade²

Resumo

Este trabalho visa construir uma análise da abrangente e complexa temática da religiosidade brasileira, tendo como eixo dois fenômenos distintos que se interpenetram: o pluralismo religioso e o processo sincrético. A análise foi estruturada em três etapas, sendo que na primeira retoma-se a interpretação proposta no livro da autora, *500 Anos de catolicismos e sincretismos no Brasil*; na segunda, rediscutem-se estes fenômenos à luz das transformações recentes no campo religioso; e na terceira, apontou-se a emergência de um novo espaço de troca e confronto entre agentes religiosos, com o surgimento e a disseminação das formações universitárias em ciências das religiões. Neste último, foi detectada a possibilidade de influência no campo religioso com o acirramento dos processos identitários e rejeição dos fluxos sincréticos.

Palavras-chave: Religiosidade; pluralismo religioso; processos sincréticos

Introdução

O tema do trabalho que me foi solicitado neste evento alude à pesquisa de meu pós-doutorado que foi publicada em forma de livro sob o título, *500 Anos de catolicismos & sincretismos no Brasil* em 2002, portanto, há seis anos, de modo que retomar hoje aquela discussão requer uma revisão considerável. Muitas leituras e contatos posteriores com novos campos de pesquisa exigem ajustes significativos na interpretação que formulei ali. Além disso, penso que o campo religioso brasileiro ganhou novos contornos que demandam uma reinterpretação.

Assim, a oportunidade de revisitar este trabalho permitiu repensar aspectos da religiosidade brasileira que ficaram obscurecidos, que hoje mais do que nunca requerem novos horizontes de análise. Neste trabalho, proponho agregar ao percurso antes realizado, outros elementos para lidar com os fenômenos do pluralismo e do processo sincrético, que estariam sofrendo alterações nas últimas décadas para assumir novas configurações. Desta maneira, cabe destacar que o estudo anterior, considerando o amplo recorte temporal de cinco séculos, buscava, sobretudo, encontrar as permanências da religiosidade brasileira. Para o momento, parece mais apropriado fazer uma reflexão acerca do cenário religioso brasileiro de hoje, para destacar transformações recentes.

É preciso considerar a existência de alterações significativas neste cenário, cabendo destacar pelo menos duas transformações importantes: de um lado, os movimentos religiosos se mostram cada vez mais fechados em suas lealdades identitárias, enquanto as religiões oficiais propagam a adesão exclusiva da fé aos seus credos, e do outro lado, a busca de um discurso científico da religião, através da abertura de novas formações universitárias, significando uma tentativa de religação da religião à ciência.

O ponto de partida será uma apreciação dos principais elementos interpretativos desenvolvidos no livro, os quais acredito que se mantêm válidos para o propósito dele, para em seguida lançar novas reflexões sobre o terreno na atualidade. A análise que farei neste trabalho será dividida em três planos: o primeiro refere-se à retomada das principais premissas já discutidas que favorecem o processo sincrético; o segundo deve explorar os novos arranjos identitários de movimentos religiosos que criam obstáculos aos processos sincréticos; e o terceiro identifica o surgimento ou a emergência da religião como campo de estudo em espaços acadêmicos, cuja repercussão sobre os fenômenos em pauta ainda não se pode avaliar. Entretanto, pode-se perceber uma tentativa de legitimar o discurso religioso das diferentes doutrinas frente à vigência atual da sociedade do conhecimento.

Esses agentes de transformação são responsáveis por um aumento da institucionalização dos espaços religiosos e identitários, produzindo um resultado, que à primeira vista, parece conduzir a um crescimento da intolerância, na medida em que os grupos se fecham em suas afinidades internas e rejeitam um diálogo com a alteridade.

A necessidade de um novo olhar sobre o campo religioso brasileiro resulta não apenas de transformações recentes da realidade externa, acima apontadas, mas também de mudanças subjetivas da visão da autora, proporcionadas por novas e renovadas leituras que forneceram subsídios para novas reflexões. Entre as leituras destaco a de Mircea Eliade e Câmara Cascudo pela visão ampliada do fenômeno religioso oferecendo uma visão da conexão entre crenças e ritos arcaicos e populares que se perpetuam no presente, derivados de uma memória de tempos remotos. Roger Bastide e Roberto Motta formando outra linhagem de estudos, cuja releitura e leitura de textos recentes permitem enxergar dimensões que não foram suficientemente exploradas. Do primeiro extraímos a categoria da memória para refletir sobre as permanências do campo religioso brasileiro e do segundo análises recentes sobre o sentido de modernidade das transformações neste campo, que nos ajudam a re-situar a nossa problemática.

Outras leituras agregadas, ligadas à interpretação do campo religioso na perspectiva da lógica de mercado a partir de Berger e Bourdieu, foram propositalmente postas de lado no livro, tendo em vista que a concepção de mercado religioso sugere conflito e dificulta a visão do diálogo e das trocas sob a lógica do sincretismo. A não inserção deste marco teórico favoreceu a idéia de fluxos sincréticos motivados pela pluralidade religiosa, devendo a partir de agora participar da nova análise para entender os movimentos anti-sincréticos.

A religiosidade brasileira, o pluralismo e as produções sincréticas na formação do Brasil

A iniciativa de reconstruir a história cultural brasileira a partir do eixo da religião foi motivada pela escassez de trabalhos na historiografia brasileira que tomasse essa dimensão, como elemento central na recuperação da trajetória dos cinco séculos de formação do Brasil. Em contraste, encontrei na literatura mexicana obras que resgatavam o papel preponderante da religião na formação da cultura mexicana, tais como as de Robert Ricard, *La conquista espiritual de México* (1986) e de J. Lafaye, *Quetzalcoátl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional en México* (1993). Eles me inspiraram e levaram a produzir este estudo.

Ainda que faltem estudos mais sistemáticos com propósito de interpretar a formação deste traço marcante da cultura brasileira que se reflete na mentalidade e na

conduta religiosa da população brasileira, trata-se de característica amplamente reconhecida, dada a visibilidade com que se manifesta. Ou seja, o brasileiro é marcadamente religioso e isso se reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do ethos da cultura brasileira.

Para tentar demonstrar esta primeira formulação foi construída uma análise que privilegiou a perspectiva temporal, em que foram buscadas as raízes da religiosidade brasileira no processo histórico através de episódios e movimentos religiosos vividos ao longo do tempo que teriam marcado o modo de ser do brasileiro. Com isso, a memória constitui o elemento que atua como aglutinador dessas experiências que se mantiveram registradas no imaginário popular, explicando as permanências das tradições religiosas experimentadas de forma mesclada ao longo dessa história religiosa. As falhas da memória justificariam a inclusão de elementos estranhos, porém presentes em outros repertórios de crença disponíveis no universo religioso.

Retrocedendo aos primórdios da instalação do sistema colonial português com seu projeto salvacionista que se concretizou através de alguns empreendimentos fundantes no primeiro século, a começar pela catequese e a criação das irmandades religiosas, usados como instrumentos de evangelização, o catolicismo foi introduzido nas populações nativas, colonos e escravos. Os grupos étnicos envolvidos nestas empresas salvacionistas assimilaram o catolicismo à sua maneira, com crenças e ritos peculiares, de origens diversas, indígenas, e negras, assim como o colono português quinhentista com suas crenças remotas nas divindades pagãs.

Cascudo propõe uma interpretação acerca do perfil das credulidades do brasileiro, atribuindo a ele uma “dupla nacionalidade espiritual” (1974, p.3): “Fácil é saber no que acredita e bem difícil precisar no que não crê. Essa coexistência explica a plasticidade sentimental brasileira, disponível às tentações do Recentismo sem íntimo abandono às crenças da tradição sem idade.” Esta característica de alegado “recentismo”, ou influência dos modismos, identificada por Cascudo é reforçada nas palavras do Imperador Pedro II, que emprega para traduzir de modo mais enfático suas idéias (idem): “O brasileiro é de entusiasmos e não de perseverança.” Entretanto, Cascudo complementa sua avaliação com mais sabedoria, ao evidenciar o não abandono de crenças remotas.

No percurso da história religiosa brasileira, a Igreja embora perseguisse os infiéis e heréticos através da Inquisição, transigia com determinadas práticas dos segmentos populares e étnicos que conviviam na colônia, o que facilitou a permanência de uma religiosidade popular que mesclava tradições bem distintas.

A esta interpenetração de crenças e ritos para produzir novas formas religiosas convencionou-se atribuir o conceito de sincretismo³, entretanto, este caiu em descrédito em razão do sentido pejorativo a que se tornou associado. Na verdade os estudos apontaram que as religiões resultantes de processos sincréticos ou maleáveis a produzir sincretizações seriam sobretudo aquelas ligadas ao universo popular ou de populações iletradas.

Sem me aprofundar nos meandros da discussão conceitual em torno do sincretismo, embora tomando o catolicismo como referência, por ter experimentado em sua formação processos significativos de sincretismo, reafirmei a validade do conceito. Ele se mostra inteiramente operativo para aplicação a rituais e doutrinas religiosas que se fundem, nos diferentes espaços institucionais de igrejas, ganhando ali novos significados. Considerei que estes mecanismos de assimilação se desenvolveram ao longo da história religiosa brasileira entre as crenças e ritos católicos, africanos,

indígenas, protestantes, espíritas, orientais, etc. Enfim, envolvendo todo o espectro de crenças introduzidas no Brasil.

Nossa premissa central neste estudo é que a mescla e o entrelaçamento entre crenças e sistemas religiosos de tradições distintas (católica, judaica, reformada, pagã, indígena e africana), ao longo dos cinco séculos no Brasil produziram diversos arranjos de experiências sincréticas que se mantêm como característica do comportamento religioso brasileiro. Tal comportamento tomado individualmente e historicamente seria facilitado por uma atitude política da igreja católica de transigência em relação a esses fluxos, dada às dificuldades enfrentadas no processo de catequese.

O núcleo da análise foi a busca das tradições e diversidade de crenças, através de representações e práticas, de modo a colher os discursos religiosos, como formulação erudita e a dimensão das práticas ou ritos populares. Neste sentido, os discursos católicos foram privilegiados e as práticas populares formaram os eixos da análise. Entre as tradições identificadas o catolicismo foi tomado como aquela que deixou marcas mais profundas, ainda que não se tratasse de um catolicismo puro, mas de um catolicismo mestiçado pela inserção de variadas crenças e práticas religiosas, inteiramente estranhas ao catolicismo, adotadas de forma furtiva e escamoteada.

Um marco fundamental na história religiosa brasileira foi o fim do monopólio católico e a crescente abertura para o pluralismo religioso explícito, de modo que foram introduzidos no Brasil diferentes sistemas religiosos com destaque para a vertente Protestante e o Espiritismo kardecista que foram paulatinamente conquistando segmentos cada vez maiores da população.

Na virada do século XIX para o XX instalou-se no Brasil um verdadeiro pluralismo religioso com a penetração de uma multiplicidade de crenças e ritos pertencentes as mais distintas tendências religiosas e seitas. João do Rio traçou um panorama precioso desse pluralismo religioso através de uma pesquisa de campo no Rio de Janeiro em seu livro, *As Religiões no Rio*, em que nos fornece uma visão da diversidade de crenças e práticas religiosas já existentes na época. Ele flagra, por exemplo, o processo de rápida adesão às religiões de matriz africana, com a difusão das filiações através de um número significativo de iniciações a esses cultos, especialmente de mulheres, de modo que eles estariam, naquele momento, experimentando sua institucionalização como religião.

O pluralismo religioso ainda que tenha conhecido tensões favoreceu novos ciclos de troca com assimilação de novas crenças e ritos, ampliando o processo de sincretização. Contudo, as religiões de tradição protestante se mostraram muito menos propensas a aceitar o trânsito religioso dos seus adeptos, exigindo deles uma fidelidade estrita. A romanização no âmbito do catolicismo buscando maior fidelidade a Roma, endureceu sua atitude frente aos desvios do catolicismo popular. Esta cultura religiosa se expandiu pouco a pouco para as outras vertentes religiosas, de modo que hoje as instituições religiosas em conjunto, mesmo a católica, se mostram muito menos suscetíveis a transigir ou aceitar estes fluxos e trocas, exigindo maior fidelidade ao sistema de crenças professado.

Daí a necessidade de compreender outros agentes que alteram o panorama religioso no Brasil, uma vez que o modelo de religiosidade sincrética passa por um período de saturação, parecendo haver a necessidade de cada oferta religiosa se redefinir e se reconhecer como distinta, exigindo igualmente da parte dos seus fiéis maior fidelidade.

As experiências religiosas contemporâneas e a emergência do mercado religioso

Ao longo dos cinco séculos, o Brasil conheceu em sua história religiosa um processo cíclico em que períodos de maior racionalização da fé se sucederam a períodos de maior influência da dimensão emocional da fé. Se a fase da implantação da catequese requeria uma dose de racionalização, a fase seguinte com assimilação do barroco trouxe uma fase de expressão emocional e teatral da fé, combatida depois com uma nova onda de racionalização e de espírito anti-clerical e anti-religioso, que favoreceu a secularização e o pluralismo religioso. A fase contemporânea traz de volta a dimensão emocional da fé associada a uma exteriorização e teatralidade da experiência religiosa, que se expressam através da intensificação das práticas rituais com ênfase na corporalidade, dando ao culto a feição de espetáculo.

Estas características da experiência religiosa contemporânea se reproduzem nas mais distintas ofertas religiosas, mesmo nas da vertente protestante, por natureza mais racionalizantes. O culto espetáculo ou performático, antes vinculado ao catolicismo popular das procissões e romarias e, particularmente, aos ritos e festas dos cultos afro-brasileiros, tornou-se um padrão a que as outras religiões aderiram à sua maneira.

Os espaços de culto nas modalidades católicas ou protestantes se transformaram em palcos com grande ênfase no louvor, caracterizado pela música que se diferencia do padrão dos hinários tradicionais, adotando a musicalidade dos ritmos e gosto em voga, com introdução de instrumentos eletrônicos e de percussão. Somente são distintas das músicas em execução na mídia em geral pelas letras das mesmas, com suas alusões sacras. Alguns dos novos hinos são cantados indistintamente em ambas as vertentes religiosas, especialmente aqueles dedicados ao Espírito Santo. A dança ou expressão corporal se associam à música, em ambos os contextos, influenciados pelo modelo Gospel das igrejas evangélicas negras norte-americanas.

Embora se possa constatar neste fenômeno uma tendência à uniformização no padrão das práticas rituais de ofertas religiosas concorrentes, como se fosse fruto de um processo de sincretismo, paradoxalmente vêm se desenvolvendo atitudes de intolerância que vêm ganhando o cenário religioso brasileiro. Esta hostilidade resulta de posturas com caráter fundamentalista, tornando-se um padrão adotado nos mais diferentes campos religiosos, que se manifesta através da busca de pureza e fidelidade absoluta a princípios fechados ou dogmas que colocam o fundamentalismo no centro, como uma força geradora de conflitos religiosos e até de guerras. Com isso, as posturas de abertura para os processos sincréticos e para ideais ecumênicos vão entrando em declínio, tendo dificuldade de se manifestar.

Dá a necessidade de repensar o pluralismo religioso e o jogo de relação entre os diferentes agentes religiosos em competição, tornando-se um campo acirrado de lutas, bem diferente do modelo que parecia caracterizar a matriz religiosa brasileira de convivência e de trocas entre as diferentes ofertas religiosas.

Recuperando o marco do fim do monopólio religioso no Brasil com a entrada de distintas religiões que caracterizou o pluralismo religioso, o papel da disputa pelos fiéis possibilitada pela liberdade de culto foi negligenciado. Assim, para ampliar a compreensão do fenômeno do pluralismo religioso foi percebido que era igualmente necessário inserir a noção de mercado, no qual as múltiplas formas de ofertas religiosas assumem uma dinâmica concorrencial, para disputar a adesão dos fiéis. Neste sentido, a

instauração do mercado religioso, significou a inserção de uma outra lógica que foi assim interpretada por Finke e Stark (apud GUERRA, 2003, p.60): “a questão da intensificação da competição, causada pela extinção do monopólio religioso, que obrigaria as organizações a serem imaginativas e eficientes na busca da adesão dos fiéis em potencial”.

A lógica de mercado supõe que as religiões se submetem a imperativos exteriores perdendo em parte sua autonomia, já que uma poderosa força opera no mercado conduzindo as agências religiosas a se adequarem às exigências do consumidor (GUERRA, 2003, p.49). Esta tendência que supostamente poderia levar a um fluxo sincrético, na verdade conduz a uma territorialização dos espaços religiosos que impede a assimilação e as trocas entre as diferentes agências religiosas.

Recuo dos fluxos sincréticos com o avanço dos processos identitários dos novos movimentos religiosos

A preocupação com a identidade tem mobilizado diferentes grupos sociais e étnicos em busca de traçar perfis identitários e marcar territórios comuns para formar unidades mais fechadas dentro da diversidade. Este processo, se de um lado, fortalece os grupos, especialmente os mais fracos como as minorias étnicas, por outro lado, tem provocado reações hostis em relação ao grupo do outro. Assim, se o pluralismo religioso continua se disseminando, cada vez mais ele se defronta com zonas de conflito advindas dos grupos que se fecham em suas adesões identitárias e investem em lutas contra ofertas religiosas concorrentes, dentro de um mercado cada vez mais competitivo.

Visando se posicionar dentro desse mercado, teria surgido a necessidade de definir melhor a proposta da religião em oferta, significando a adoção de um discurso da busca de identidade, em conseqüência de um maior reconhecimento da alteridade. É neste processo que cabe analisar o movimento anti-sincretismo que se instalou na Bahia, após a realização de II Conferência Mundial da Tradição Orixá e Cultura em 1983, do qual resultou um manifesto defendendo esta tese.

O movimento supra-citado foi estudado por Josildeth Consorte que partiu de registros na mídia da época, não apenas na mídia local, como nacional, pela grande repercussão que o documento causou. Seu intuito foi avaliar uma década depois os desdobramentos desse movimento, começando por ressaltar o caráter de novidade do movimento, uma vez que a iniciativa de reverter o processo de sincretismo teria se originado entre líderes das religiões afro-brasileiras, que buscavam seu reconhecimento como religião e não mais como seitas.

Analisando a repercussão do Manifesto sobre o campo religioso afro-baiano, Consorte identificou na sua tentativa de ruptura, dois alvos distintos: a igreja católica e a política baiana de turismo. Com relação à primeira, buscava convencer seus fiéis ao abandono de práticas religiosas articuladas com os ritos católicos, as quais envolviam a assistência de missas em complemento aos rituais dos seus cultos, como nos funerais, assim como a eliminação da presença de santos católicos nos altares dedicados aos orixás (2006). Por outro lado, ameaçava suspender o uso de referências aos cultos dos orixás, propagando o abandono do uso de trajes rituais e de danças sacras em contextos profanos ou estranhos ao mundo do Candomblé, como atrativos do turismo baiano, uso que segundo o manifesto degradaria o seu sentido religioso.

A festa da lavagem das escadarias da igreja do Senhor do Bonfim inserida no calendário turístico da cidade de Salvador, tornou-se o principal alvo da querela, por

dar enorme visibilidade a este trânsito religioso entre a igreja católica, seus fiéis e o povo de santo, ou fiéis do Candomblé. Desta maneira, o movimento despertou uma reação de antipatia não só da sociedade como do meio intelectual em relação ao movimento anti-sincrético, que não chegou a mobilizar realmente a comunidade religiosa no todo, já que segundo a pesquisa de Consorte não houve interrupção nas práticas sincréticas tradicionais, e nem adesão dos representantes das entidades ou federações de cultos afro-brasileiros (CONSORTE, 2006).

Outras implicações foram consideradas, tendo em vista que o manifesto subscrito por importantes ialorixás da Bahia tornou-se um marco histórico. Para melhor perceber o sentido do movimento anti-sincrético, extraí o parágrafo final do Manifesto registrado no artigo de Consorte (2006, p.90) transcrito abaixo:

Todo este nosso esforço é por querer devolver ao culto dos Orixás, à religião africana, a dignidade perdida durante a escravidão e processos decorrente da mesma: alienação cultural, social e econômica, que deram margem ao folclore, ao consumo e profanação da religião.

Note-se o comentário de Prandi a este movimento em que interpreta sua proposta anti-sincrética como início de um processo de reconstrução de identidade, associado ao processo gradativo de perda da centralidade do catolicismo no cenário religioso brasileiro, (2006, p. 97):

Só muito recentemente as religiões de origem negra começaram a se desligar do catolicismo, já numa época em que a sociedade brasileira não precisa mais do catolicismo como a grande e única fonte de transcendência que possa legitimá-la e fornecer-lhe os controles valorativos da vida social. Mas isso é um projeto de mudança nos referenciais de identidade que mal começou e que exige, antes outras experiências de situar-se no mundo com mais liberdade e direitos de pertença.

Embora, o autor mencionado tenha detectado um movimento de africanização no meio da Umbanda paulista duas décadas antes ou em 1960, favorecido pela migração de nordestinos fiéis à tradição do candomblé, ele interpreta que o projeto de identidade dos fiéis do candomblé, estaria no início (PRANDI, 2006). Esta análise revela o caráter surpreendente de um movimento de volta às origens do culto africano, em pleno contexto da modernidade.

Roberto Motta, em seu artigo “Religiões Éticas e Religiões Sacrificiais: seu crescimento simultâneo no Brasil atual”, empreende outra tentativa de análise do campo religioso brasileiro em que visualiza duas ofertas religiosas conflitantes em ascensão. Ele estabelece uma associação entre o candomblé e sua doutrina frente à adequação aos valores da modernidade o que asseguraria sua penetração na sociedade moderna, angariando a simpatia dos intelectuais (2007, p.245):

(Candomblé) rejeitando toda noção de pecado e culpa, estaria de acordo com uma certa modernidade e desempenharia, paradoxalmente, o papel da religião que permite sair da religião... Uma transformação não menos espetacular se encontra no crescimento extremamente rápido do protestantismo pentecostal. Exigindo uma participação muito ativa por parte dos seus adeptos, o pentecostalismo reconstitui as identidades e os projetos de vida. Mas é uma religião cujo crescimento parece contristar os intelectuais, por acentuar, ao contrário do Candomblé, as noções de pecado e repressão.

Porém, a dominante sacrificial do candomblé contrasta com a ética dominante das igrejas pentecostais que atrai grande número de fiéis, através da busca de adequar-se às demandas materiais da sociedade de consumo. Se existem divergências de natureza entre estas religiões, ele enxerga uma convergência entre ambas quanto ao projeto moderno. Nas pentecostais haveria uma racionalização calcada na mudança do projeto de vida dos que se filiam a elas. Em sua reflexão final, Motta (2007, p.256) procura mostrar que embora haja conflitos entre estas ofertas religiosas, estes não chegam a assumir o modelo de Belfast, já que se constata muita cordialidade entre os “crentes” e os “filhos de santo”, apesar de haver entre os primeiros a intenção de salvar os segundos e dissuadi-los de suas presumidas práticas de culto demoníaco.

Contudo, considerando o foco ampliado do pluralismo a que me referi no livro que incorpora outras formas religiosas, no intuito de não reproduzir a tendência de polarizar o campo entre as disputas do mercado religioso em torno das religiões neo-pentecostais e as afro-brasileiras, estou agregando mais uma disputa do mercado religioso. Trata-se da demarcação de espaços entre as igrejas neo-pentecostais e os grupos de renovação carismática, que na verdade, são modalidades religiosas que convergem na perspectiva de serem religiões cristãs, voltadas para a adoração do Espírito Santo.

Devido às semelhanças entre os dois movimentos, vários autores têm produzido análises a respeito do comportamento de ambos, frente ao mercado, a exemplo de Guerra (2003) ao chamar atenção para os dilemas entre os processos de uniformização ou assemelhação e diferenciação vividos pelos dois em função de disputarem o mesmo público (GUERRA, 2003, p. 118):

Esse processo de padronização traz alguns problemas ligados à questão das identidades religiosas, já que cada produto é obrigado a enfrentar uma pressão dupla: uma no sentido da assemelhação e outra no sentido da diferenciação. A proposta de religiosidade tem que ser parecida com as concorrentes nos elementos que fazem sucesso no mercado e, ao mesmo tempo, pelo menos marginalmente, diferente delas.

A submissão à lógica de mercado parece gerar um dilema entre a imposição de uma ênfase nos aspectos identitários, por marginais que sejam, para exteriorizar elementos essenciais de distinção entre os grupos e a submissão a padrões comuns por exigência dos fiéis/usuários. Daí a recomendação da Igreja Católica de insistirem no culto à Maria entre os carismáticos e imporem a obediência ao Papa como elementos distintivos em relação aos pentecostais. Outros elementos identitários adotados pelos carismáticos buscam fugir ao modelo de católicos “espiritualmente descuidados” ou “permissivos” (GUERRA, 2003, p, 120) para expressar-se através de adesivos nos veículos com o lema “orgulho de ser católico”. Entre os pentecostais haveria uma assimilação dos padrões rituais das religiões afro-brasileiras, vistos por eles como principais concorrentes, cujos fiéis seriam visados no seu projeto de expansão.

Outro aspecto a considerar refere-se ao uso da teologia da prosperidade derivada da doutrina calvinista em contextos neo-pentecostais, embora esta possa ser inserida ressignificada em outras ofertas religiosas, como em certos contextos carismáticos.

Esses grupos, tanto de uma vertente quanto da outra, à medida em que ampliam suas formas de solidariedade interna, criam barreiras ao relacionamento dos seus membros fora do grupo, através de atitudes hostis em relação ao outro. A rejeição do mundo é praticada de forma exacerbada, levando esses grupos a uma reconstrução do mundo em contextos fechados e excludentes.

As comunidades de vida do movimento carismático tendem a reproduzir modelos de vida monástica, ao congregar seus membros para vida comunitária, afastando-os dos seus lares para uma vida consagrada à oração, e evangelização. Contudo, se afastam do modelo tradicional de vida monástica pelo isolamento de grupos exclusivos, masculinos ou femininos, ao congregar na mesma comunidade pessoas de ambos os sexos, inclusive casais.

O movimento carismático e suas ramificações nas comunidades de Vida e Aliança, pela sua capacidade de angariar novas filiações, têm obtido respaldo da Igreja oficial tendo em vista sua eficácia e a visibilidade social conquistada. Do lado católico, o movimento carismático e do lado protestante o movimento pentecostal e neo-pentecostal assumem esta mesma forma de lidar com o mundo, ao mesmo tempo inovadora e conservadora.

Em paralelo a estes rearranjos nos processos identitários das ofertas religiosas vem emergindo no contexto universitário brasileiro um novo campo de estudo fruto do reconhecimento da importância do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. Com isso multiplicaram-se as investigações, com objeto de estudo centrado nas religiões e no pluralismo religioso, seja nos trabalhos acadêmicos em nível de graduação, seja em pós-graduação.

Religiões e religiosidades como campo de investigação científica: uma tentativa de religião entre ciência e religião

O projeto iluminista operou uma ruptura entre ciência e religião de modo que a esfera religiosa, que antes invadia todos os espaços da vida social, ficou restrita aos espaços religiosos institucionais ou privados em pequenos grupos, dedicando-se unicamente aos serviços religiosos.

Contudo, no final do século XIX assiste-se na Europa à publicação de uma série de estudos relativos ao fenômeno religioso, com o propósito de teorizar acerca das origens da religião, a partir da noção de religião primitiva, ou religião natural com base em registros acerca de povos arcaicos ou “primitivos” (ELIADE, 1989; EVANS-PRITCHARD, 1978). Cabe mencionar entre estes, a publicação de *O Ramo Dourado* de Frazer, de *Cultura Primitiva* de Tylor, no qual produz a teoria animista da religião primitiva, e de discípulos deste, Andrew Lang e Marret que investiram a noção de *mana*, alma e fantasmas. Estes estudos apontam o interesse científico acerca do fenômeno religioso, redemarcando um espaço acadêmico para o estudo científico da religião, até então de cunho teológico e doutrinário.

Este interesse pronunciado pelo estudo das religiões se manterá no início do século XX com a publicação de *As formas elementares da vida religiosa* de Durkheim, entre outros, de autores como Levy-Bruhl com estudos sobre a mentalidade mística, agindo como estímulo à criação de formações acadêmicas nas universidades européias, como a de Religião Comparada na École des Hautes Études da Universidade Sorbonne. Esta veio a ser dirigida por Marcel Mauss e mais tarde por Lévi-Strauss. Na Grã-Bretanha destaca-se o King's College, ligado à Universidade de Londres, que possui um dos departamentos mais antigos e renomados de Teologia e Estudos de Religião, cujo acesso recente a sua página eletrônica, permitiu retirar a seguinte explicação da motivação dos seus estudos na atualidade:

Now more than ever, we need higher levels of religious literacy in society. We need to be able to understand and interpret the diverse religious beliefs and practices around us, and foster understanding

*between religions. Our department is uniquely placed to participate in this enterprise at the highest levels.*⁴

Esse constitui o novo discurso de justificação do estudo das religiões no espaço universitário, o qual ganha uma conotação não apenas de ordem científica, mas, sobretudo de ordem ética, no sentido de fomentar um melhor entendimento entre as religiões.

Com relação ao papel que esta formação acadêmica poderá cumprir na sociedade contemporânea consta a necessidade de compreender as diferentes crenças e práticas religiosas para permitir uma convivência mais harmoniosa entre os povos. José Carlos Calazans docente do curso de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona defende a idéia de que (2008, p.18): “O contributo da Ciência das Religiões para a compreensão do fenómeno religioso é tão importante como para a paz social. Promovê-lo é, ao mesmo tempo, ajudar a construir uma diplomacia de paz entre os povos.”

No Brasil, a universidade como instituição tardia, instituída apenas no século XX, não incorporou esta perspectiva de estudos, corrente nas universidades européias (de origem medieval), incorporando-a marginalmente em universidades confessionais, como as católicas, e nas de denominação protestante, a exemplo da Metodista e Presbiteriana.

Na virada do século e do milênio, eis que as religiões emergem como campo de estudo no Brasil; e na Europa, onde se verifica uma ressurgência desta tendência. A formação em ciência das religiões ou ciências das religiões, especialmente em universidades laicas vem responder a novas demandas da sociedade, diante do pluralismo religioso no intuito de assegurar uma melhor convivência entre as religiões.

Contudo, estas demandas sociais refletem igualmente uma assimilação das novas exigências da sociedade do conhecimento, provocando uma busca da parte de religiosos e fiéis de diferentes religiões de conhecerem o fenómeno religioso racionalmente e de uma perspectiva científica. Desta maneira, conjugam-se os interesses acadêmicos e éticos das universidades e da sociedade com os interesses dos alunos, praticantes religiosos, de fundamentarem sua fé no discurso científico.

Os novos espaços acadêmicos acima mencionados – ciência das religiões e teologia - no âmbito das universidades confessionais, e pouco a pouco nas públicas e leigas, são prova da vitalidade desse fenómeno. A partir daí vamos assistir nas universidades brasileiras o surgimento de programas de pós-graduação e departamentos na área de ciência das religiões e da teologia, como propostas de formação pós-graduada reconhecidas pela CAPES e submetidas às suas normas reguladoras e avaliadoras, através do comitê de filosofia, teologia e ciências das religiões.

Por outro lado, o Ministério da Educação inseriu nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs – novas diretrizes para o ensino religioso, no intuito de eliminar sua conotação confessional, surgindo daí a necessidade de formação em nível de graduação para os professores em estudos religiosos para atender as novas exigências curriculares.

Uma rápida caracterização deste cenário no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, onde participei diretamente do processo de criação deste espaço, permitirá avançar algumas reflexões acerca de sua repercussão no campo religioso. A criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões e sua aprovação pela CAPES em 2006 na UFPB, representa uma iniciativa pioneira, no contexto das universidades públicas laicas, sendo a primeira no Nordeste e a segunda no Brasil a acolher um curso nesta temática.

Embora considere muito cedo para uma avaliação da repercussão desse esforço de sistematização do conhecimento sobre os fenômenos religiosos, pareceu importante esboçar o quadro que compõe este novo espaço acadêmico, e avançar algumas reflexões.

Vale salientar que o curso surgiu de um núcleo de pesquisa ligado ao Departamento de Ciências Sociais, cuja iniciativa causou fortes resistências e reações de desgosto, devido à visão ainda arraigada no meio universitário de ruptura e de incompatibilidade entre ciência e religião. Sendo visto, por um segmento acadêmico como proposta conservadora que trai o princípio laico da universidade, o curso é, na verdade, inovador por fugir da proposta cristocêntrica, adotada nos cursos criados em universidades confessionais.

O atendimento a uma demanda externa proveniente da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, através da sua Coordenação de Ensino Religioso constituiu o estímulo ao grupo de pesquisa já existente, para a oferta de um curso em nível de especialização para capacitação de professores de ensino religioso da rede pública. O propósito da capacitação era fornecer uma visão do pluralismo religioso e uma compreensão mínima das diferentes ofertas religiosas presentes no mundo e em nosso campo religioso, de modo a eliminar o conteúdo catequético dado à disciplina pelos professores do ensino religioso.

Uma parcela significativa dos alunos atraídos para os demais cursos (segunda turma de especialização e três turmas ingressantes no mestrado) são religiosos ou fiéis de diferentes religiões, não apenas das cristãs, católicas, protestantes e espíritas, como adeptos das religiões afro-brasileiras e do budismo etc., de modo que a característica plural da pertença religiosa dos alunos tem ensejado um rico diálogo inter-religioso, ainda que este não esteja isento de tensões e conflitos.

Em que pese a contribuição desses cursos e programas de pós-graduação para a compreensão do fenômeno religioso na contemporaneidade e, paralelamente para o fomento de uma cultura religiosa favorável à convivência harmônica frente a diversidade de sistemas religiosos existentes, cabe uma postura de cautela. Gostaria de chamar atenção quanto a dois tipos de riscos: de um lado a busca de legitimidade do discurso religioso doutrinário junto à instituição laica; e do outro lado, o conhecimento das outras ofertas religiosas, produzir o efeito contrário devido ao aprimoramento do discurso da diferença, contribuindo para o processo anti-sincrético, ou para o conflito.

Para concluir, trago as palavras provocadoras de Filoramo em posfácio a seu livro em parceria com Carlo Prandi, *As Ciências das Religiões*, quanto às repercussões desse campo emergente ou ressurgente de saber no âmbito universitário (1999, p.290):

O estudo da religião em perspectiva científica, (...) tem essa característica fundamental: ele é um convite ao estudo, não para que alguém se torne mais (ou menos) religioso – o fato de existirem conseqüências desse estudo é um efeito imprevisto, não fazendo parte das regras do jogo; estuda-se, segundo o *ethos* do conhecimento que anima e funda esse tipo de trabalho, para poder conhecer melhor essa complexa e cálida realidade, para poder melhor orientar-se dentro dela, e conforme o caso, para poder escolher e decidir com conhecimento de causa.

Referências

ANDRADE, Maristela O. de. **500 Anos de catolicismos & sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, 2002.

- GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e dinâmica da esfera da religião.** João Pessoa: Idéia, 2003.
- CALAZANS, José Carlos. Globalização e Ciência das Religiões. **Cadernos de Ciência das Religiões**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Maio 2008.
- CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida.** 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas/ Salvador: CEAO, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo.** João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.
- CONSORTE, Josildeth. “Em torno de um Manifesto de Ialorixás Baianas contra o Sincretismo”, In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida.** 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas/ Salvador: CEAO, 2006. p. 71- 91.
- ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião.** Lisboa: Edições 70, 1989.
- EVANS-PRITCHARD, E. **Antropologia social da religião.** Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões.** São Paulo: Paulus, 1999.
- LAFAYE, Jacques. **Quetzalcoátl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional en México.** Fondo de Cultura Econômica: México, 1993.
- MOTTA, Roberto M.C. Religiões éticas e religiões sacrificiais: seu crescimento simultâneo no Brasil atual, In: MIELE, Neide (org.). **Religiões: múltiplos territórios.** João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. “Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização”. In CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida.** 2 ed. Rio de Janeiro:Pallas/Salvador: CEAO, 2006, p. 93-111.
- RICARD, Robert. **La conquista espiritual de México.** Fondo de Cultura Econômica: México, 1986.
- RIO, João do. **As religiões no Rio.** 8 ed. Garnier: Rio de Janeiro. 1906.

ABSTRACT

Brazilian religiosity: religious pluralism, diversity of beliefs and the syncretic process

This work aims to provide an analysis of the comprehensive and complex issue of brazilian religiosity, having as its focus two interrelated phenomena: religious pluralism and religious syncretism. The analysis was structured in three stages; the first stage takes up the interpretation proposed in the author's book, 500 Anos de catolicismos e sincretismos no Brasil (500 Years of Catholicism and syncretism in Brazil); in the second stage these phenomena are re-discussed in the light of recent changes in the religious field; the third stage points to the emergence of a new space of exchange and confrontation between religious agents, with the emergence and spread of university education in the science of religions. In this last the possibility of influence

in the religious field was detected as the intensification of identity processes and rejection of the syncretic flows.

Keywords: *Religiosity, religious pluralism; syncretic processes*

NOTAS

¹ Palestra proferida no I Congresso Brasileiro de Umbanda do Século XXI, realizado em São Paulo de 14 a 16 de Novembro de 2008, promovido pela Faculdade de Teologia Umbandista.

² Professora do Departamento de Ciências Sociais, do PRODEMA e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB.

³ Sincretismo: “fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos”. Significado religioso extraído do dicionário de Houaiss.

⁴ “Agora mais do que nunca, precisamos de níveis mais elevados de educação religiosa elementar na sociedade. Precisamos estar aptos a entender e interpretar as diversas crenças e práticas religiosas que nos cercam e fomentar um entendimento religioso entre as religiões. Nosso departamento detém posição ímpar para participar desta empreitada nos seus mais altos níveis.”